

Sem tempo¹ para angústia²

Luciana Guarreschi

Resumo

Partindo da pressa imposta pelo sistema econômico-político-neoliberal, que necessita de seres funcionais para servir ao capital e não deixa margem alguma para que o sujeito do inconsciente possa questionar sua existência, a autora questiona o tempo da angústia no tratamento psicanalítico. Longe do saber psiquiátrico, que muitas vezes serve a esse sistema e não conta com o tempo do sujeito, o saber analítico, mais uma vez na contramão do discurso corrente, faz falar a angústia contando com o manejo do tempo em direção à função do *a*-pressado, aliando-se à angústia para dela extrair nosso grão de incurável, o desamparo.

Palavras-chave:

Angústia; Manejo do tempo; Objeto *a*.

No time for anguish

Abstract

Starting from the rush imposed by the economic-political-neoliberal system, which needs functional beings to serve capital and leaves no space for the subject of the unconscious to question its existence, the author questions the time of anguish in psychoanalytic treatment. Far from psychiatric knowledge, which often serves this system and does not take into account the subject's time, psychoanalytic knowledge, once again going against the current discourse, makes anguish speak by relying on the management of time towards the function of haste, allying itself with anguish in order to extract from it our grain of incurability, helplessness.

Keywords:

Anguish; Time management; Object *a*.

1 Referência ao meme viralizado no Brasil "sem tempo, irmão", usado como resposta para toda e qualquer demanda advinda do outro.

2 Uma versão menor deste texto foi apresentada no XII Encontro Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, em maio de 2024, em Paris.

No hay tiempo para la angustia

Resumen

Partiendo de la prisa impuesta por el sistema económico-político-neoliberal, que necesita seres funcionales al servicio del capital y no deja espacio para que el sujeto del inconsciente cuestione su existencia, el autor cuestiona el tiempo de la angustia en el tratamiento psicoanalítico. Lejos del saber psiquiátrico, que a menudo sirve a este sistema y no tiene en cuenta el tiempo del sujeto, el saber psicoanalítico, yendo una vez más contra el discurso actual, hace hablar a la angustia apoyándose en la gestión del tiempo hacia la función de *la-prisa*, aliándose con la angustia para extraer de ella nuestro grano de incurabilidad, el desamparo.

Palabras-clave:

Angustia; Manejo del tiempo; Objeto *a*.

Pas le temps pour l'angoisse

Résumé

Partant de la précipitation imposée par le système politico-économique-néolibéral, qui a besoin d'êtres fonctionnels pour servir le capital et ne laisse aucune place au sujet de l'inconscient pour questionner son existence, l'auteur interroge le temps de l'angoisse dans la cure psychanalytique. Loin du savoir psychiatrique, qui sert souvent ce système et ne prend pas en compte le temps du sujet, le savoir psychanalytique, encore une fois à contre-courant du discours actuel, fait parler l'angoisse en s'appuyant sur la gestion du temps vers la fonction du petit-*at*, s'aliant à l'angoisse pour en extraire notre grain d'incurabilité, le désamparement.

Mots-clés :

Angoisse ; Management du temps ; Objet *a*.

Como fazer falar a angústia no sem tempo de hoje se fazê-la falar está diretamente ligado ao manejo do tempo? Otávio Paz (Paz, 1974/1988, p. 113) assim define a angústia: “Entre o nunca e o sempre, aninha-se a angústia com suas mil patas e seu olho único.” Definição que inclui o tempo — o nunca e o sempre — como um sem-tempo, já que o sujeito aí está, entre esses dois, suspenso. Que a definição de angústia traga a dimensão temporal, des-espero,³ não é desconhecido pelo corpo que multiplica sua sensibilidade, agarra-se e é agarrado com *mil patas* na desconfiança que não engana de nos vermos reduzirmos a ele (Lacan, 1974/2022). Reduzido a um corpo, esse de mil patas e seu olho único, a tudo ver.

Um minúsculo recorte clínico. Alguém escreve à paciente: “te vi andando pela rua esta manhã”. Isso foi suficiente para deixá-la angustiadíssima, suspensa e taquicárdica. Que passou? Ali, em uma manhã qualquer, o objeto *a*, em sua forma episódica, o olhar, aparece como um pó fino no ar, uma substância impalpável, que irrita, enjoa e atrai, transportando o sujeito para essa cena de maneira a não lhe restar outra posição que não o de identificado ao objeto olhar. Resulta dessa operação uma angústia avassaladora, é bem o sintoma tipo de qualquer advento do Real, diria Lacan (1974/2022), explicitando que não é o passado que empata o presente, mas o Real, a aparição desse impalpável que insiste em prender o sujeito em suas eternas repetições (Fingermann, 2009). Ela estava ali, congelada no instante eterno da angústia, suspensa, até que as palavras viessem capturá-la e descê-la à terra, enlaçamento simbólico do falante.

Mas fazer falar a angústia necessita de tempo, bem de consumo bastante escasso atualmente. O desvario dos laboratórios farmacêuticos, psiquiatras aí inclusos, em medicalizar de maneira exagerada e sem limites nossas angústias vem também do “sem tempo, irmão”, da demanda de pressa, da produção, do ser funcional na engrenagem neoliberal. Atenção a essa prática normalizada, pois, se nos guiarmos por Kierkegaard (1844/1935), que defende a angústia como a marca por excelência do que é humano, estaremos medicalizando também nossa condição humana, o que equivale quase a nos fazer não humanos, ou, ainda, humanos patologizados. A patologia toma aí seu lugar, pois, ao se internalizarem normas e ideais — sucesso, ordem, progresso —, internalizam-se também transtornos e comportamentos julgados desviantes desses ideais. Afinal, como diz Safatle (2024, p. 32), “governar nunca é simplesmente impor a norma. Governar é organizar as margens. É gerir as formas de rejeição à norma, dar a elas figuras permeáveis a intervenções”, e, como sabemos, há práticas clínicas que se colocam à disposição dessa governamentalidade social, a serviço da funcionalidade do capital.

3 Em português, o verbo reflexivo “desesperar” é utilizado no sentido do substantivo “desespero” como ponto máximo e inflexivo da angústia, palavra que contém o verbo “esperar”. Desespero é o estado em que alguém se encontra em uma situação que julga sem saída.

A nós, analistas, cabe fazer falar a angústia, e não “administrar almas”⁴ rumo à redenção mais rápida. Junto ao discurso corrente, o analista maneja o tempo também com pressa, mas em direção à função da urgência, aliando-se à angústia para dela extrair nosso grão de incurável, o desamparo humano. *Sim, pressa, urgência, mas no tempo intempestivo, extemporâneo, que marca a posição do inconsciente, suas frestas.* Se o discurso neoliberal apressa o sujeito para vestir suas marcas, nós marcamos a pressa necessária., para que “o sujeito possa se apresentar tal como é e sair da prisão de suas identificações alienantes” (Nominé, 2009, p. 53), retornando à hiância, à terceira ferida narcísica: à descentralização da razão, à própria Coisa freudiana, ao inconsciente, à verdade da castração. Mas a castração, em Freud, é aonde se chega;⁵ em Lacan, ela é de onde se parte, uma falta que o simbólico não supre, logo Real, em que o objeto *a* vem fazer sua presença como o que resta de não simbolizável, ponto falta-de-significante, avesso à redução simbólica. “A função da pressa é a função desse pequeno *a*-pressado”,⁶ dirá Lacan em 1973. Como seria possível alcançar essa falta real? Não é preciso muito; ela se apresenta, presentifica-se; ela é o presente. A nós, resta o manejo da transferência, que gira em torno do objeto *a*, logo do tempo, pela via do desejo do analista.⁷

Se o objeto é necessariamente metonímico, uma vez que faltoso, *sua sina seria a de se fixar ali onde o real conserva seus vestígios, ou seja, nos momentos atemporais de estruturação psíquica.* Presentificação real, que só podemos nomear na instabilidade do falo e na atualização mortífera do gozo.⁸

Obviamente, o uso de angústia real de Lacan não é o mesmo de Freud, *uma vez que é de uma exterioridade estranha ao significante que se trata*, e não de uma angústia diante de um perigo real, como espero ter aclarado com o exemplo clínico. O que temos especificamente ali? O ponto no qual cessa a oposição entre a visão interior e a exterior, entre o que vemos e imaginamos. Lembremos rapidamente a tese do imaginário em Lacan, trabalhada intensamente nos primeiros anos de sua obra (Lacan, 1998a, 1998b, 1998c): o investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária do sujeito, justamente porque limita-

4 Lacan, 1998, p. 404. “Como não se justificar por tomar essa posição como verdadeira quando ela é real, como não deslizar daí para tornarem-se administradores de alma, num contexto social que lhes requer esse ofício?”

5 Basta lembrar do “rochedo da castração” como aquilo que se chega a uma análise e, em Freud, intransponível.

6 Lembrando que “pequeno *a* apressado”, em francês, *petit a-t e hâte* (pressa), são homofônicos. Cf. Lacan, 1973/1985, p. 67.

7 Cf. o capítulo XI do *Seminário a angústia*, nomeado “Pontuações sobre o desejo”, cujo primeiro subtítulo é “Da contratransferência ao desejo do analista”. Mas, também, cf. Lacan, 2003, p. 375: o da possibilidade de se fazer objeto *a*, “se faz[er]”, a ser entendido: se faz produzir objeto *a*: com objeto *a*”.

8 “É, pois, do real de um modo irredutível sob o qual esse real se apresenta na experiência, é disso que essa angústia é sinal” (Lacan, 2005, p. 178).

do, ou seja, nem todo investimento libidinal passa pela imagem corporal, há um limite na imagem, uma mancha. É o *phi*, falo imaginário, que resta fora dessa apreensão imaginária do corpo, o que produz, por consequência, a fratura que marca a imagem do corpo próprio.

Clinicamente, como conhecemos bem, essa imagem do corpo fraturado se traduz no sentimento de insuficiência ou falta, que vem nas formas nem sempre muito criativas: gorda ou magra demais, um pouco torto demais ou de menos, e por aí vai — essa fratura marca o inapreensível do corpo próprio. Esse *phi*, ainda que imaginário, é uma falta sem imagem, e é justamente nesse ponto central de falta que o estranho vem se alinhar quando de seu desaparecimento, ou seja, quando essa falta vem faltar. Vocês reconhecem aí a tese de Lacan (1962-1963/2005): a angústia não é da falta, mas do desaparecimento dessa.

Aquele que sofre está paralisado em tempo contínuo de *espera*, vai daí que comemoramos o *des-espero*, ponto fora da curva, de recusa ao regime de tempo naturalizado pela neurose, quando o sujeito grita “onde está o meu tempo?”. Não se trata do banal “cada um tem seu tempo”, mas de um tempo que “é próprio de cada um, que participa de seu modo de ser” (Nominé, 2009, p. 53). Esse tempo, na análise, traduz-se pelo tempo de reconhecimento pelos sujeitos das “singularidades que atravessam suas formas de desejar, de se mover, de agir e de utilizar a linguagem” (Safatle, 2024, pp. 34-35), esse um mapeamento primeiro. No entanto, é necessário entrar em um segundo tempo, que costuma aparecer clinicamente como *flash* fulgurante, acompanhado dessa suspensão angustiante, aflição que o sujeito quer se livrar e que o analista mantém o máximo possível, como se dissesse *não se assuste tanto, estamos juntos a encarar essa*. E, se o amor de transferência permitir, as chances de se inscrever um saber sobre como “habitar um tempo de desabamentos, um tempo de desamparo” (Safatle, 2024, p. 35), sem ficar suspenso em angústia, são grandes. Saber esse que possibilitará ao sujeito, assim apostamos, viver levando em conta seu desamparo e o de seus semelhantes, conta que tornará sua emancipação possível.

Referências bibliográficas

- Fingermann, D. (2009, abril). O “tempo” de uma análise. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (18), 33.
- Kierkegaard, S. (1935). *Le concept de l'angoisse*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1844)
- Lacan, J. (1985). *Seminário 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (1998a). A agressividade em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Lacan, J. (1998b). A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998c). O estágio do espelho como formação da função do eu. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2003). O ato psicanalítico – resumo do seminário de 1967-68. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2005). *Seminário a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2022). A terceira. In *Textos complementares do Seminário RSI*. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. Material de circulação interna. (Trabalho original publicado em 1974)
- Nominé, B. (2009, abril). O tempo: um objeto lógico. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (18), 53.
- Paz, O. (1988). *O mono gramático*. Rio de Janeiro: Guanabara S.A. (Trabalho original publicado em 1974)
- Safatle, V. (2024). *Alfabeto das colisões – filosofia prática em modo crônico*. São Paulo: Ubu.

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 15/06/2024